



Revista

# ENTRE RIOS

A revista cultural da comunidade suábia de Entre Rios  
Abril de 2025 / Edição nº 173 / ISSN 2526-9186

## História

O cinema em Entre Rios

## Suábios do Danúbio

Anna e o Castelo de Madeira

## Nossa Gente

Os 30 anos de trajetória  
de Márcia Klann Milla

## Agrária

Adoção de soluções  
energéticas sustentáveis



Vozes de violão que contam histórias

# 40 anos no compasso da cultura

# Índice

03

Especial: Os 40 anos do Grupo de Violão

06

Suábios do Danúbio: Anna e o Castelo de Madeira

08

Memória: O cinema em Entre Rios

10

Nossa Gente: A trajetória de 30 anos de Márcia Klann Milla

12

Mundo Suábio: A despedida de Stefan Teppert

14

Sustentabilidade: Agrária fomenta fontes de energia renováveis

16

Receita: Goulash de batata

17

Notícias Gerais

# ENTRE RIOS

Revista dedicada à preservação da cultura da comunidade suábica de Entre Rios.

Cooperativa Agrária Agroindustrial  
Rua 5 de Maio, 745 – Colônia Vitória – Entre Rios  
Guarapuava - PR - BR - 85139-400

**Fundação Cultural Suábio-Brasileira**  
Avenida Michael Moor, 1951  
Colônia Vitória – Entre Rios  
Guarapuava - PR - BR - 85139-400

#### Equipe Editorial

Editor-chefe: Klaus Pettinger  
Jornalista: Bárbara Miranda  
Jornalista: Mariana Papi

#### Revisão

Geraldo de Carvalho  
Nikita Geier  
Roseli Brandtner Essert  
Sandra Schmidt  
Viviane Schüssler

#### Fotografia

BM - Bárbara Miranda  
KP - Klaus Pettinger  
MP - Mariana Papi

#### Publicação

Cooperativa Agrária Agroindustrial  
Fundação Cultural Suábio-Brasileira

#### Traduções

Geraldo de Carvalho

#### Design e diagramação

Mynd's Design Editorial

#### Assinaturas para a edição em alemão

Sandra Schmidt  
sandra.schmidt@agraria.com.br  
Tel. Nr. 00 55 42 3625 8528

#### Publicação Online

<https://suabios.com.br/revistas>

#### Periodicidade

Bimestral

#### Parceiros culturais



**Lei Rouanet**  
Incentivo a Projetos Culturais



#### Realização



MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



Os primeiros anos: O Grupo de Violão sob a regência de Antônio Schneiders (à direita) durante uma apresentação no Jugendcenter.

Foto: Fundação Cultural

# OS GRUPOS DE VIOLÃO DA FUNDAÇÃO CULTURAL

## 40 ANOS DE UMA TRAJETÓRIA DE SUCESSO

**Mariana Papi**

A música desempenha um papel fundamental na perpetuação da cultura de uma sociedade. Por meio dela, é possível transmitir valores, histórias e tradições, além de ser uma forma poderosa de expressão da identidade cultural, fortalecendo o senso de pertencimento de uma comunidade. Desde os momentos de alegria até os mais difíceis, a música sempre esteve presente na vida da comunidade suábica de Entre Rios. Entre tantas expressões culturais, os grupos de violão da Fundação Cultural Suábio-Brasileira são exemplos vivos de como a arte pode unir gerações e preservar tradições.

**Antônio Schneiders** lecionando no Colégio Imperatriz: “A chegada do violão foi muito bem recebida pela comunidade e eu tinha muitos alunos.”



Foto: Fundação Cultural



Foto: Arquivo Pessoal

**Antônio Schneiders (à esquerda) com sua aluna e futura coordenadora de grupo Tânia Keller (ao centro).**

Muito antes da criação da própria Fundação Cultural, em 2001, os grupos culturais já existiam e desempenhavam um papel fundamental na preservação da cultura suábica. “Quando cheguei aqui em 1985, havia o coral, o teatro, os grupos de dança e a orquestra de sopros. Era praticamente tudo o que existia. A introdução do violão foi muito bem recebida pela comunidade, e eu tinha muitos alunos”, recorda o professor Antônio Luiz Schneiders, com um sorriso.

Ele foi o responsável pelas primeiras aulas de violão na comunidade e pela criação dos primeiros grupos, incluindo uma Orquestra de Violões, que encantou plateias tanto no Brasil quanto no exterior. O grupo realizou turnês pela Europa, Estados Unidos, Canadá e países vizinhos, como o Paraguai, além de inúmeras apresentações pelo Brasil e pela região de Guarapuava.

“Viajar com o nosso grupo para todos esses lugares foi incrível. Chegamos a ter tantas apresentações que foi preciso limitar. O grupo de violão tinha compromissos todas as semanas. A Agrária também promovia almoços e eventos, e nós sempre participávamos. Foi uma época maravilhosa”, comenta a professora de música Tânia Raquel Bona Keller.

A criação do grupo, segundo Antônio, ocorreu de maneira natural. Ao perceber o talento dos alunos, surgiu a ideia de transformar aquele potencial em algo maior.

Quarenta anos já se passaram desde a formação do primeiro grupo, e a história segue até os dias atuais. Durante esse tempo, os grupos evoluíram, acompanhando o crescimento

e amadurecimento de cada aluno. Alguns saíram, outros permaneceram, e houve ainda quem transformasse a experiência em missão, como é o caso das professoras Tânia Keller e Sibylle Buhali.

Ambas compartilham histórias semelhantes: começaram seus estudos de violão ainda na infância, se apaixonaram pelo instrumento e se destacaram nas turmas que frequentavam. Tânia gosta de se descrever como “cria do professor Antônio”, e foi ele quem passou o bastão quando precisou se afastar por um tempo. Sibylle, por sua vez, é “cria da professora Tânia”, que a incentivou a se tornar professora e a formar seu próprio grupo.

Esse legado é simbólico: a tradição passando de geração em geração, entre alunos e professores, todos trabalhando com um propósito comum — preservar a educação musical e a cultura suábica.

## O VIOLÃO COMO EXPRESSÃO CULTURAL - A PRESERVAÇÃO DOS GRUPOS

O violão, instrumento de raízes medievais, conquistou o mundo. Sua popularidade se deve à sua acessibilidade e facilidade de aprendizado. “É um instrumento extremamente versátil, capaz de acompanhar um canto ou ser a estrela principal de uma música. As possibilidades são infinitas,



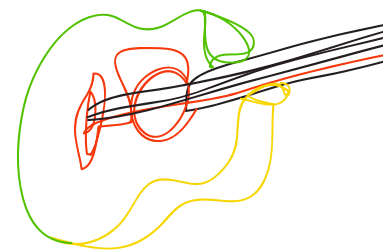
Foto: Arquivo Pessoal

**Sibylle Buhali (à direita): “Por meio da música, conseguimos preservar nossa língua, nosso folclore e a memória coletiva”.**

Foto: Arquivo Pessoal



**Tânia Keller (à esquerda) e Sibylle Buhali (à direita) começaram as aulas de violão ainda crianças e mais tarde tornaram-se professoras.**



abrangendo praticamente todos os estilos musicais”, explica Juliano de Oliveira Campos, músico e atual professor e coordenador dos grupos de violão da Fundação Cultural.

Juliano, que desde criança tem uma forte ligação com a música e com o violão, teve a oportunidade de se formar em música e retornar a Entre Rios para liderar os grupos de violão. “Quando voltei, tive a responsabilidade de reviver o grupo de violões. Criei dois novos grupos: um para crianças menores, chamado Cordas Malucas, e outro para adolescentes e adultos, o Palhetas Perdidas. Assim trabalhamos até hoje”, explica.

Com uma abordagem clássica nas aulas, Juliano foca no ensino técnico do instrumento, o que, segundo Tânia, elevou o nível das turmas. “Na minha época, usávamos a tablatura, que é para quem não sabe ler notas. Mais tarde, passamos a usar o sistema de cifras e pautas com notas. O Juliano trabalha muito nesse formato, e eu acho ótimo, pois isso melhora a qualidade técnica do ensino. É excelente ver essa evolução”, avalia.



Foto: Fundação Cultural

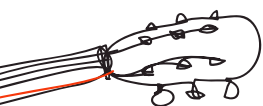
**Com uma abordagem clássica, Juliano de Oliveira Campos (à esquerda) foca no ensino da técnica: ao fundo, o professor Antônio Schneiders observa a apresentação.**

da Cooperativa Agrária à Fundação Cultural sempre foi — e continua sendo — fundamental. “Quando falamos sobre arte e cultura, tudo parece muito bonito, mas sem apoio financeiro e estrutural, torna-se difícil manter esse trabalho. Graças à Agrária e ao envolvimento ativo da comunidade, conseguimos preservar nossa herança cultural. E não se trata apenas da música: o canto, o teatro, a dança, tudo isso faz parte de um conjunto que se destaca e chama a atenção”, ressalta Tânia.

“Por meio da música, conseguimos preservar nossa língua, nosso folclore, a memória coletiva sobre o passado, utilizando-a ainda como uma poderosa ferramenta de educação e socialização”, reflete a professora Sibylle. Com histórias entrelaçadas ao crescimento da comunidade, esses grupos têm sido fundamentais na educação musical e na difusão do repertório suábico — não só no Brasil, mas também no mundo.

## A PROMOÇÃO DA CULTURA COMO PARTE ESSENCIAL DE UMA COMUNIDADE

A preservação das tradições e da cultura é um dos pilares que sustentam a vida em Entre Rios. O apoio contínuo da população e



**Juliano de Oliveira Campos (à esquerda) fundou os grupos ‘Cordas Malucas’ e ‘Palhetas Perdidas’.**



Foto: Arquivo Pessoal

# Anna e o Castelo de Madeira:

## A nova exposição temporária do Museu Histórico

### Apenas uma breve explicação, bem rapidinha!

Antes de narrarmos esse conto, precisamos contar a vocês que no dia 25 de abril o Museu Histórico de Entre Rios inaugura sua nova exposição temporária “Anna e o Castelo de Madeira: a infância dos Suábios do Danúbio de Entre Rios”. Para isso, o Klaus Véio preparou um conto em formato de fábula, resumindo a história de dois irmãos, Anna e Jakob, que tiveram de deixar a antiga pátria, fugiram para a Áustria e mais tarde vieram ao Brasil. Esse conto serve como fio condutor da exposição e estará à mostra em alemão e em português nas paredes do museu.

Mas como a gente quer que vocês visitem o museu e vejam tudo pessoalmente, mostraremos aqui só a primeira parte do conto. O final, a nossa comunidade poderá descobrir na exposição ou na próxima edição da Revista de Entre Rios. Combinado? Então, sinta que lá vem a história!

*(Observação: Na edição em alemão, o texto foi publicado em dialeto suábio.)*

#### Klaus Pettinger

Era uma vez, uma curiosa e esperta garotinha chamada Anna, com suas duas tranças no cabelo e um vestido longo e colorido, cujas bordas viviam sujas de tanto brincar. Ela morava em um reino antigo chamado Jugoslávia, repleto de lindas casas, com flores nas janelas e cercas baixas, uma paisagem tão colorida e cheia de vida, que parecia pintada com lápis de cores nunca vistas antes. Todas os dias amanheciam com o aroma delicioso do pão recém-saído do forno, que sua vovó assava com as mãos firmes e ágeis, marcando três cruzeiros sobre a massa, tradição dos Suábios do Danúbio, antes de colocá-la no forno à lenha, como um sinal de bênção e proteção. E pela janela de sua casa via mulheres em seus vestidos com aventais impecáveis na organização da casa e do quintal, jovens tratando dos animais, enquanto os vizinhos se deslocavam com suas carroças repletas de ferramentas para mais um abençoado dia na lavoura. Crianças corriam descalças entre os campos de trigo, dourados como os cabelos da boneca de pano que Anna tanto amava.

À medida que ela e seu irmão mais velho, Jakob, cresciam, eles descobriam que seu povoado era cheio de aventuras e mistérios. E quando chegavam as festividades da primavera,





como a Festa da Árvore de Maio, eles assistiam fascinados os jovens carregando uma grande árvore enfeitada. Na Kirchweihfest, a Festa da Igreja, ansiavam crescer para poder usar os lindos traje típicos com muito orgulho e respeito às tradições. Era tudo encantador.

Até o dia em que tudo mudou. Os sussurros começaram primeiro entre os adultos, depois se espalharam pela vila como um vento frio antes da tempestade. Os irmãos ouviram tudo através da porta: “Os soldados estão vindo. Temos de partir”. Anna não compreendia. Como poderiam simplesmente ir embora? Sua avó tentava tranquilizá-los, mas sua mãe arrumava as malas com um olhar de quem dizia o contrário. Tudo aconteceu muito rápido, não houve tempo para despedidas. Rumaram, a mamãe contou, para um reino muito distante chamado Áustria. Parecia assustador, mas Jakob transformou o medo em uma aventura mágica. “Estamos em uma missão secreta”, ele sussurrava para a irmã, apertando a pequena mão dela com força. “A partir de agora, você é minha companheira de aventuras, e temos de atravessar o reino em segurança, protegendo a mamãe e a vovó”.

As estradas escuras e geladas estavam cobertas de neve e gelo. Todos sabiam que inimigos invisíveis espreitavam nas matas próximas às trilhas estreitas. Anna e Jakob permaneceram vigilantes. Quando descansavam em celeiros abandonados ou casas de estranhos, Jakob pedia para a sua mamãe rezar e cantarolar as cantigas bem baixinho, pois eles precisavam se esconder dos gigantes que vagavam pelas terras devastadas e dos dragões barulhentos que voavam rasantes sobre os telhados.

Foram três semanas, mas parecia que haviam vagado por um ano inteiro quando finalmente encontraram uma grande fortaleza secreta. “Chegamos à Áustria”, vovó explicou. Os irmãos aprenderam a gostar do calor humano que emanava de tantas famílias aglomeradas no chão duro e frio da fortaleza.

Jakob improvisou espadas de gravetos e pediu para Anna se preparar, caso precisassem delas para vencer as batalhas contra o Marechal Inverno, a Fome Vingativa e o Monstro da Desesperança.

Apesar de a guerra ter terminado, a mãe ficou sabendo que o reino não seria reconstruído tão cedo e não haveria local seguro e nem trabalho para todos. Por isso, a família embarcou no grande navio Provence, rumo a um lindo país, do outro lado do oceano, chamado Brasil. “Agora somos marinheiros!”, gritou Jakob. As crianças desbravaram labirintos, que se mexiam para cima, para baixo e para os lados, conforme o navio cortava as ondas. Anna aprendeu e ensinou jogos e tradicionais cantigas suábias, que alegravam as longas tardes no oceano. Nobres amazonas e gentis cavaleiros uniformizados protegiam as famílias e cuidavam para que todos estivessem bem acomodados. “Só os mais valentes conseguem chegar ao outro lado do mar”, bradou Jakob e Anna achou graça quando viu os braços do irmão avermelhados pelo calor dos trópicos.

Anna demorou um pouco até perceber que estavam chegando ao destino, tão colorido quanto sua terra natal – mas muito mais quentinho. Desembarcaram em uma cidade chamada Santos, onde a mamãe e a vovó descarregaram as caixas com seus poucos pertences e as levaram até um trem mágico. Por três dias e três noites, eles viajaram por entre florestas muito verdes e úmidas, de onde precipitavam véus de cachoeiras. O estrondoso barulho da Maria Fumaça, a locomotiva encantada, anunciou a chegada a uma pequena estação chamada Góes Artigas. Por trás das árvores gigantescas surgiam curiosos animais desconhecidos.

*Continua na próxima edição.*



# O CINEMA EM ENTRE RIOS: DOS PRIMEIROS FILMES ÀS TELAS MODERNAS

**Mariana Papi**

O cinema sempre exerceu um papel relevante na construção cultural de diversas sociedades ao redor do mundo. Também em Entre Rios, a sétima arte logo conquistou um público receptivo e entusiasmado. Desde as primeiras projeções até o encerramento das últimas salas, as sessões tornaram-se símbolo de encontro e entretenimento para os moradores. As diferentes formas de exibição aproximavam a comunidade por meio de emoções compartilhadas.

Os registros sobre o primeiro cinema de Entre Rios datam do início dos anos 1950, quando, em 28 de agosto de 1952, foi oficialmente inaugurada a primeira sala de cinema, na Colônia Vitória. Na época, o responsável pela iniciativa foi Martin Nemeth, que via no cinema não apenas uma oportunidade de negócio, mas uma forma de conectar a comunidade a um mundo de histórias e cultura.

No final da década de 1960, Johann Lammel assumiu a administração do cinema, transferindo-o para o antigo Hotel Glória, ainda na Vitória, com seu cunhado e sócio, Jakob Steinmetz. “Era uma operação complexa”, conta o historiador Roberto Essert, do Museu Histórico de Entre Rios, que encontrou registros sobre o funcionamento da atividade. “Os filmes chegavam de trem, via Ponta Grossa, junto com os materiais de divulgação, e eram exibidos na vitrine do bar e hotel durante o mês”, explica José Steinmetz, sobrinho de Lammel.



**Martin Nemeth, responsável pela implantação da primeira sala de cinema em Entre Rios.**

José, que era apenas uma criança à época, não chegou a trabalhar no cinema, mas acompanhava o tio nas viagens para buscar os rolos de filmes e também para projetá-los nas outras colônias. “Ele tinha uma Kombi e, com ela, passava por todas as colônias. Na terça-feira, na Cachoeira; na quarta-feira, na Socorro; na quinta, na Samambaia; e na sexta-feira, na Jordãozinho. Nos finais de semana, ele rebobinava os filmes, que eram exibidos aqui no salão do Hotel Glória. Ele mandou fazer vários bancos com alturas diferentes para não atrapalhar a visão de quem estava mais atrás”, detalha.

Sobre os intervalos, José Steinmetz relembra como funcionava: “Os filmes vinham em bobinas e, quando terminava uma, fazíamos um intervalo até colocar a outra para rodar. Como havia o bar aqui, o pessoal aproveitava: saía um pouquinho, comprava alguma coisa para beber ou comer. Eram uns dez minutos de intervalo e depois o filme continuava”. O mesmo acontecia quando os filmes eram projetados nas colônias durante a semana. Nessa época, a renda era dividida: parte ficava com os organizadores e parte com os donos dos bares ou clubes, que lucravam com a venda de lanches e bebidas durante os intervalos.



**Jakob Steinmetz (foto), sócio e cunhado de Johann Lammel, atuava na gestão do cinema no Hotel Glória.**



**No final da década de 1960, o cinema foi transferido para as dependências do antigo Hotel Glória, na Colônia Vitória.**

## O IMPACTO DA TELEVISÃO

Quem guarda lembranças afetuosas dessa época é Rosa Maria Ducat. Durante a semana, ela assistia às exibições realizadas na Colônia Jordãozinho, onde morava com a família. Já nos fins de semana, quando tinha 17 anos, o cinema na Vitória se tornou o ponto de encontro com seu então namorado Alteluir Carlos Ducat. “Nós gostávamos, porque naquela época não tinha muita coisa para fazer, então no final de semana íamos ao cinema juntos — e com amigos também”, relembra, com um sorriso no rosto.

Com seus lugares cativos na sala do Hotel Glória, Rosa Maria e Alteluir viveram um namoro que virou casamento. Em 2025, os dois completam 55 anos de união, e as memórias dos filmes vistos juntos ainda os divertem ao serem revisitadas.

## UMA SALA DE CINEMA OFICIAL

Em 1967, Lammel deixou Entre Rios e retornou à Alemanha. Foi então que Johann Remlinger e sua esposa, Magdalena Schlögel Remlinger, assumiram o equipamento e deram continuidade ao projeto. “Meu pai, que lá na Alemanha já havia feito curso para operar as máquinas de cinema, comprou os equipamentos. No começo, durante a semana à noite, ele ia para as colônias com um carro emprestado de um amigo para apresentar os filmes de forma itinerante. E assim o negócio foi evoluindo até surgir a oportunidade de construir o próprio cinema”, relembra Ernesto Remlinger, filho mais velho do casal.

Em 1970, a família construiu uma sala de cinema fixa na Colônia Vitória, que funcionou até 1978. “A sala era construída em declive, com bancos e tudo mais. Era como um cinema que a gente conhece hoje, e dava para enxergar bem de qualquer lugar que se sentasse”, recorda Rosa Maria.

Os filmes vinham de Curitiba, eram alugados, e quem cuidava das bobinas, ajudando no negócio da família, era Ernesto. “Eu gostava. Meu pai até me pagava para rebobinar os filmes. Era preciso ficar bem atento e ir ajustando, porque era tudo manual”, conta.

Os gêneros exibidos eram variados: filmes de faroeste americanos, muitos títulos alemães — incluindo Sissi, o romance histórico sobre a imperatriz Elisabeth da Áustria —, além de produções documentais. Filmes infantis eram exibidos nas matinês de domingo. “Por lei, nós também tínhamos que exibir filmes brasileiros, então o Mazzaropi, por exemplo, era bastante requisitado. Quando eram filmes mais pedagógicos ou institucionais, nós os exibíamos para as crianças do colégio durante o horário de aula, ao longo da semana”, relata Ernesto.



**Johann Lammel, idealizador do cinema instalado no antigo Hotel Glória, na Colônia Vitória.**

Foto: Fundação Cultural / Museu Histórico de Entre Rios



**Ernesto Remlinger: “Meu pai ia à noite para as colônias para apresentar os filmes de forma itinerante”**



**Johann e Magdalena Remlinger administraram o cinema por oito anos.**

Foto: Arquivo pessoal

## O “ZUMPREARA” – CINEMA E BAILE

Na mesma época, há relatos de um cinema itinerante que visitava as colônias uma ou duas vezes ao ano. Os registros apontam para um dos momentos mais icônicos daquele tempo: a chegada da Kombi de divulgação, equipada com alto-falantes, anunciando as sessões. “As crianças corriam atrás do carro porque ele distribuía doces e vendia brinquedos artesanais. Os adultos e adolescentes contam que paravam de trabalhar ao ouvir o som familiar e, mesmo cansados, se arrumavam, pois ao entardecer haveria filme para assistir — geralmente algo cultural sobre cidades ou regiões —, seguido de um baile. Muitos ainda lembram e cantam um trecho da propaganda, que era algo como: ‘Ein Musikante constantelante, Zumpreara, Zumpreara, Zumpreara’”, conta Roberto Essert, que realizou uma pesquisa entre seus contatos para reconstruir essa história.

O personagem responsável por toda essa movimentação era Rudolf Stutzer. Ele exibia os filmes ao mesmo tempo em que promovia bailes e apresentações culturais, proporcionando momentos de alegria para a comunidade. Seu filho, Ruberto Stutzer, que acompanhou o pai em uma das visitas nos anos 1960, conta que o pai achava a música usada divertida e chamativa — por isso a escolheu como marca sonora.

Hoje, não existem mais salas de cinema em funcionamento em Entre Rios, mas sua história segue viva na memória coletiva. O Museu Histórico de Entre Rios preserva registros desse período. Para muitos, as lembranças das sessões lotadas, dos anúncios pelos alto-falantes e das matinês continuam sendo símbolo de união e da rica cultura local.

A trajetória do cinema em Entre Rios foi um fenômeno que encantou gerações, moldou vivências, influenciou a cultura e, mesmo diante das mudanças tecnológicas, conserva seu lugar especial na memória afetiva da comunidade.



**Rosa Maria e Alteluir Ducat durante a lua de mel, em Gramado (RS).**



**Com seus lugares cativos na sala de cinema, Rosa Maria e Alteluir começaram um namoro que se transformou em casamento.**

Foto: Arquivo pessoal

# Acordes de uma trajetória: o caminho de Márcia Klann Milla a Entre Rios

**Bárbara Miranda**

Uma das memórias que Márcia Klann Milla cultiva da infância é de seu avô tocando músicas alemãs com a pequena gaita de botões. “Lembro que quando os colegas da escola pediam para assinar seus cadernos de recordações eu sempre escrevia que queria ser professora de música, mesmo não tendo ideia de como isso aconteceria”, recorda. Foi a vocação para música que fez com que a menina de Porto Mendes, distrito do município de Marechal Cândido Rondon, Paraná, já na idade adulta encontrasse seu lugar em Entre Rios.

Márcia iniciou seus estudos musicais aos 14 anos, quando a família se transferiu para a área urbana de Marechal Cândido Rondon. Primeiro veio o piano, depois a flauta doce, teoria musical, harmonia e história da música. A formação na Escola de Música Ludwig van Beethoven permitiu que ela começasse a lecionar.

Em meados da década de 1990, quando trabalhava na cidade de Londrina, Márcia foi indicada por uma colega da época da escola de música para uma vaga como professora no Colégio Imperatriz Dona Leopoldina. “Estava passando por um período de transformações na minha vida. Saí em um sábado, às sete de manhã, e cheguei em Guarapuava às 16h. Quando pisei em Entre Rios, esse lugar lindo, com essa estrutura, com essas araucárias maravilhosas, algo me chamou para ficar. Pernoitei em Guarapuava e, no outro dia, já em Londrina, liguei para uma tia em Marechal Cândido Rondon. Pedi que ela avisasse meus pais que precisava falar com eles. Então contei sobre minha decisão de mudar para cá”.

Em Entre Rios, Márcia dividia seu tempo entre as aulas de música para o Colégio Imperatriz e as aulas de piano para jovens da comunidade no que hoje é a Fundação Cultural

**A professora Márcia Klann Milla durante as aulas de musicalização para bebês, que estimulam o desenvolvimento cognitivo dos pequenos.**



Foto: Fundação Cultural

Suábio-Brasileira (o ano era 1995 e a Fundação foi criada apenas em 2001). Nesses 30 anos, ela viu passar por suas mãos centenas de crianças, adolescentes e jovens. “Hoje, muitos dos meus alunos são filhos de ex-alunos. Quando saem de Entre Rios para concluir seus estudos, é normal que eles se afastem da música, mas, ao voltarem, muitos deles retornam para os grupos da Fundação Cultural e isso é muito gratificante”, afirma.

As aulas de musicalização, piano, flauta doce, xilofone, percussão, tuba e trompete fizeram com que Márcia estreitasse sua relação com a comunidade local. Mas nenhum laço foi tão forte quanto construir a sua família. Foi no Colégio Imperatriz que ela conheceu o esposo, Luís Marcel Pereira Milla, então professor de informática na instituição de ensino. Juntos, eles são pais de Henrique e Guilherme, que, mesmo morando longe por conta da faculdade, continuam compartilhando com a mãe a paixão pela música. “Henrique é clarinetista, estuda canto lírico e adora teatro. Guilherme é trompetista e quando residia aqui cantava na banda ‘Die Puwa’”, comenta, orgulhosa.



Foto: Fundação Cultural

**Na Orquestra de Sopros, Márcia K. Milla (1ª da esq. para dir.) toca tuba.**



Foto: Arquivo Pessoal

**Em 1996, a professora Márcia se apresentou com os alunos do Colégio Imperatriz em homenagem ao Dia das Mães.**

Atualmente, a professora Márcia Milla, ao lado da professora Karoline Rodrigues Pruenci, trabalha com aulas de musicalização para bebês, por meio de uma metodologia que estimula o desenvolvimento cognitivo dos pequenos. Ela também atua com musicalização para crianças maiores, integra a Orquestra de Sopros, o Canto Igreja, o grupo de professores responsável por acompanhar os grupos de dança da Fundação Cultural Suábio-Brasileira e coordena os grupos de metais, flauta e flauta jovem. “Trabalhar com as crianças me marca muito. Nunca me esqueço de um aluno bolsista que passou pelas minhas mãos, que enfrentou dificuldades e hoje é um grande músico. Essa é uma prova de que a música faz a diferença na vida das pessoas”, finaliza.



Foto: Arquivo Pessoal

**Além disso, Márcia integra o grupo de professores que acompanha os grupos de dança da Fundação Cultural.**

# Stefan Teppert:

## A despedida de uma das vozes mais marcantes dos Suábios do Danúbio



Para ilustrar a história de vida do seu pai, Teppert escolheu a foto do casamento dos pais, em que ambos aparecem montados no cavalo de seu amigo 'Tiriri', um morador nativo de Guarapuava.

Fotos: Reprodução / Brunhilde Forro / Christine Neu

### Klaus Pettinger

A comunidade dos Suábios do Danúbio em todo o mundo lamenta profundamente a perda de Stefan P. Teppert, falecido inesperadamente em 22 de fevereiro de 2025, aos 68 anos. Com ele, a cultura suábica perde um de seus mais profundos conhecedores, um defensor dedicado, além de um comunicador apaixonado. Autor, jornalista e historiador, ele deixa a família e muitos amigos próximos. Seus pais, Anton e Maria Teppert, oriundos de Filipowa e Semlin, na antiga Iugoslávia, foram pioneiros em Entre Rios e faziam parte do grupo que retornou à Europa no fim dos anos 1950.

“Quando tinha apenas 14 anos, meu pai esteve no campo de extermínio de Gakowa. Após um ano, conseguiu fugir para a Alemanha, cruzando a fronteira húngara”, contou Stefan Teppert em uma entrevista marcante, concedida a Christine Neu e publicada em 11 de fevereiro deste ano no canal de YouTube de Brunhilde Forro, apenas 11 dias antes da partida de Teppert. A conversa integra o projeto “Testemunhas do Tempo”, promovido pela Associação dos Suábios do Danúbio do Banato em Reutlingen, na Alemanha. Os pais de Stefan só foram se conhecer em Entre Rios, após ambas as famílias reconstruírem suas vidas no Brasil. “Naquela época, havia entretenimento para os jovens: cinema, bailes, e foi nessas ocasiões que meus pais se conheceram cada vez mais”, lembrou Teppert com carinho.

Anton e Maria Teppert se casaram em 1955 e, no ano seguinte, nasceu o pequeno Stefan, um menino suábio, envolto desde o berço na atmosfera suábio-brasileira. Mas essa convivência não duraria muito: em novembro de 1959, com apenas três anos e meio de idade, Stefan embarcou com os pais rumo à Alemanha. A travessia custou caro aos pais: o equivalente a um ano inteiro de salário na metrópole de São Paulo. Na época, Anton trabalhava como eletricista na Siemens, enquanto Maria atuava como empregada doméstica em uma família judaico-alemã. “Vendo pela perspectiva atual, digo que meus pais me sequestraram”, comentou Stefan Teppert com um sorriso. “Claro que não é fácil para uma criança ser tirada de repente do ambiente que conhece. Mas tudo bem, foi a melhor decisão. Aqui na Alemanha, acabou acontecendo tanta coisa que, no final das contas, me levou de volta às minhas raízes”, completou.

No contexto do chamado milagre econômico alemão, o pai de Stefan conseguiu um emprego em uma indústria na cidade de Gosheim, no distrito de Tuttlingen, estado de Baden-Württemberg. Foi ali que a família se estabeleceu e cresceu: os irmãos de Stefan, Gertrud e Edmund, nasceram em 1960 e 1963, respectivamente. “Após concluir o ensino médio no colégio técnico de economia em Tuttlingen, Stefan Teppert cursou Filosofia, Germanística, História e Geografia nas

universidades de Freiburg, Viena e Tübingen”, registrou Jürgen Harich, presidente da Federação Mundial dos Suábios do Danúbio, no obituário intitulado “A memória permanece”.

Teppert iniciou sua trajetória profissional como jornalista freelancer. “Era um ganha-pão difícil, mal dava para viver”, reconheceu. Durante a faculdade, fez de tudo um pouco para se sustentar: “Se eu somar tudo, tive uns 23 empregos ao longo dos meus estudos”, contou, sorrindo. O curso de Filosofia não era exatamente o caminho que seus pais haviam imaginado para ele. Sonhavam vê-lo como “um bom comerciante”, seguindo os passos do avô. “Mas não era o que eu queria. E nunca me arrependi de ter feito exatamente o que era certo para mim: cursar Filosofia.”

Desde cedo, Stefan Teppert dedicou-se à história e à literatura dos Suábios do Danúbio: seus conterrâneos, a quem jamais perdeu de vista. Como coordenador cultural da Associação dos Suábios do Danúbio, atuou oficialmente entre 1988 e 1999 na Casa dos Suábios do Danúbio, em Sindelfingen, com o firme propósito de preservar o patrimônio cultural de seu povo. Suas contribuições foram amplas e significativas: de publicações científicas a exposições e conferências, Teppert promoveu iniciativas que fortaleceram a identidade suábica e mantiveram viva a memória coletiva dessa comunidade dispersa, porém resiliente.

“O mosaico de suas publicações é imenso e abrange desde livros, como a ainda inacabada antologia da literatura suábica do pós-guerra e o Martirologio dos Suábios do Danúbio, até diversos metros lineares de relatórios sobre assembleias, peregrinações e cerimônias comemorativas”, destacou Jürgen Harich. “Desta forma, também instituições relevantes ligadas à memória dos suábios, como a BdV (Federação dos Expulsos), a Sankt-Gerhards-Werk e a Fundação Cultural dos Alemães Expulsos lamentam profundamente a perda do seu parceiro”.

Até seus últimos dias, Stefan Teppert manteve-se ativo na cobertura de eventos culturais significativos, como a tradicional peregrinação a Altötting, na Alemanha. Com sensibilidade e profundo conhecimento histórico, ele documentava os caminhos da comunidade suábica e construía pontes entre o passado e o presente. Seu último projeto envolvia a participação em uma conferência internacional e a curadoria de conteúdo para a comemoração dos 75 anos da Carta dos Expulsos. “Ele ainda havia nos encaminhado relatos sobre eventos culturais poucos dias antes de sua morte, inclusive sobre temas que iam além dos suábios”, registrou, com admiração e pesar, a Fundação Cultural dos Alemães Expulsos em seu obituário sobre o trabalho colaborativo com o jornalista e editor.

Por seus méritos e dedicação à preservação da memória suábica, Stefan Teppert foi homenageado com importantes reconhecimentos ao longo de sua trajetória. Em 1998, recebeu a



**Entre suas maiores obras estão a ainda inacabada antologia da literatura suábica do pós-guerra e o Martirologio dos Suábios do Danúbio.**

Insígnia de Honra da Federação da Associação dos Suábios do Danúbio. Em 2009, foi agraciado com o Prêmio de Cultura dos Suábios do Danúbio do Estado de Baden-Württemberg.

Durante a entrevista de 76 minutos, Christine Neu perguntou: “Você nasceu no Brasil, viveu na Alemanha e suas raízes vêm da Batschka. Como você se define?” Após um breve sorriso pensativo, Stefan Teppert respondeu com simplicidade: “Essa é uma boa pergunta: eu sou um alemão com múltipla identidade. Ou seja, me sinto alemão em primeiro lugar. Mas também me sinto um pouquinho brasileiro”, disse ele, antes de complementar: “Em 1991, quando fui ao Brasil pela primeira vez como adulto, viajei pelo país inteiro, até a Amazônia. E, por fim, participei da comemoração dos 40 anos de Entre Rios. Uma celebração impressionante, um desfile enorme. O que eles conseguiram montar ali foi inacreditável. Naquele momento, vivenciei pela primeira vez a minha terra natal de forma consciente. Esse período no Brasil passou como num piscar de olhos. Cheguei a esquecer que existia a Europa, de tão intenso que foi”.

Seu incansável comprometimento, assim como seu jeito humilde e sempre caloroso deixarão saudades em Entre Rios e em tantos outros lugares. Uma voz marcante, um excepcional pesquisador, cronista e guardião da história e da cultura dos Suábios do Danúbio. A obra e a atuação de Stefan Teppert permanecem vivas – em seus escritos, na memória dos que o conheceram e nas marcas que deixou na cultura suábica. “Sempre que encontro alguém da minha terra natal, Entre Rios, seja onde for, sinto uma conexão instantânea. A gente se reconhece de imediato”, descreveu Teppert, como sempre com precisão, paixão e, agora, também com um toque de nostalgia e reverência, inclusive entre aqueles que, infelizmente, não tiveram a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente.



**Stefan Teppert: Uma voz marcante, um excepcional pesquisador, cronista e guardião da história e da cultura dos Suábios do Danúbio.**





Foto: Arquiv IREKS do Brasil

Painéis solares no estacionamento da IREKS do Brasil, uma *joint venture* entre a Cooperativa Agrária e a IREKS GmbH

# Trabalhando pelo futuro do planeta:

## Agrária adota fontes de energia limpa

**Bárbara Miranda**

O dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) é muito mais do que conteúdo da aula de química. Principal gás de efeito estufa, ele representa uma grande ameaça à biodiversidade terrestre, afinal, sua presença em excesso agride a Camada de Ozônio, permitindo a maior incidência dos raios solares e a consequente elevação das temperaturas do planeta.

O gás carbônico, como também é conhecido, provém especialmente da queima de combustíveis fósseis, que são usados como fonte de energia em veículos automotivos, plantas industriais e máquinas em geral.

Entendendo a importância do equilíbrio climático para o desenvolvimento das atividades agrícolas, em 2007 a Agrária começou a implementar técnicas e metodologias que possibilitassem a redução de suas emissões de gases de efeito estufa. Quase 20 anos depois, essa iniciativa apresenta resultados significativos, que reforçam o papel de vanguarda da

Cooperativa quando o assunto é sustentabilidade na agroindústria. “A principal ação que tivemos nesse sentido foi a mudança da nossa matriz energética. Até 2007 trabalhávamos muito com as caldeiras, que foram gradativamente substituídas pelo uso da energia elétrica. Além disso, hoje, as caldeiras em atividade são alimentadas com biomassa, excluindo o uso de óleo BPF, que, por ser derivado do petróleo, emite grande quantidade de dióxido de carbono”, conta Robertson Wolf, especialista ambiental da Agrária.

Em 2017, a Cooperativa aderiu ao GHG Protocol. O protocolo tem abrangência mundial e funciona como uma calculadora, que, anualmente, mede a emissão de gases de efeito estufa realizada por áreas fabris. O objetivo dessa aferição é comprovar a diminuição das emissões. No último ano, uma verificação independente mostrou que desde o ano base (2007), a Agrária já reduziu suas emissões em 77%.



Foto: Arquivo Agrária

Obras na PCH São Jerônimo

## Foco na geração de energia limpa

Atualmente, a principal fonte de energia utilizada nas unidades industriais da Agrária é a hídrica. A Cooperativa é proprietária de 40% da Usina Hidrelétrica Salto Curucaca, por meio de uma parceria com a empresa Santa Maria Papel e Celulose, controladora dos outros 60%. A unidade está instalada em Guarapuava, no Rio Jordão, e possui capacidade para gerar 37 MWh. A energia da usina destinada à Agrária supre 65% da necessidade de suas unidades industriais.

Com o objetivo de ampliar essa porcentagem, a Agrária está construindo a PCH (Pequena Usina Hidrelétrica) São Jerônimo. A obra fica entre os rios São Jerônimo e Boi Carreiro, localizados no distrito de Entre Rios. Em atividade, a nova usina terá capacidade instalada de 15 MW. Sua inauguração está prevista para 2026. “A partir do momento em que a PCH São Jerônimo começar a funcionar, a Agrária será praticamente autossuficiente na geração de energia limpa. Como não haverá um ‘atravessador’ entre a usina e as nossas unidades industriais, o aproveitamento da energia gerada será maior”, explica Márcio Taschelmayer, coordenador da Agrária Energia. Ele destaca ainda que novos projetos, como o executado na construção da Maltaria Campos Gerais, em Ponta Grossa, já foram concebidos primando pelo uso de energia limpa.

Dentro do contexto de sustentabilidade, as unidades industriais da Cooperativa que ainda usam caldeiras, como é o caso da Agrária Malte e da Agrária Óleo e Farelo, por exemplo, utilizam biomassa. O cavaco usado nas caldeiras é, em sua maioria, proveniente de produção própria. Só em 2024, a produção de biomassa ultrapassou 166 mil toneladas. “Para produção de cavaco contamos com florestas plantadas exclusivamente para esse fim, não interferindo na flora local”, completa Tashelmayer.

Além da energia elétrica e do abastecimento de caldeiras com biomassa, as unidades da Agrária também são abastecidas com energia solar. Existem placas para captação de calor do sol no Centro de Eventos e no Hospital Semmelweis. A energia gerada por elas contempla os dois locais, o Lar de Idosos Nossa Senhora de Lurdes, o Colégio Imperatriz Dona Leopoldina, a Fundação Cultural Suábio-Brasileira, a Fundação Agrária de Pesquisa Agropecuária e o prédio administrativo da Cooperativa.

## Pequenas atitudes, grandes resultados

Em setembro de 2024, a Agrária realizou seu tradicional Seminário de Gestão, destinado aos colaboradores. No encerramento do evento, aconteceu o lançamento de um projeto que visa o abastecimento dos veículos da Cooperativa com etanol.

O etanol é um biocombustível e sua queima tem emissões de gases de efeito estufa significativamente menores em relação a outros combustíveis, como a gasolina. Essa diferença pode ser de até 89%, dependendo do modelo do automóvel.

De acordo com Thiago José de Souza Lentsck, analista responsável pelo setor de veículos da Agrária, antes da implantação do projeto foi conduzido um estudo para comprovar as vantagens do uso do etanol. “Avaliamos a quilometragem média que os carros faziam com etanol e com gasolina. A diferença de consumo foi baixa, o que justifica o uso do etanol”, comenta.

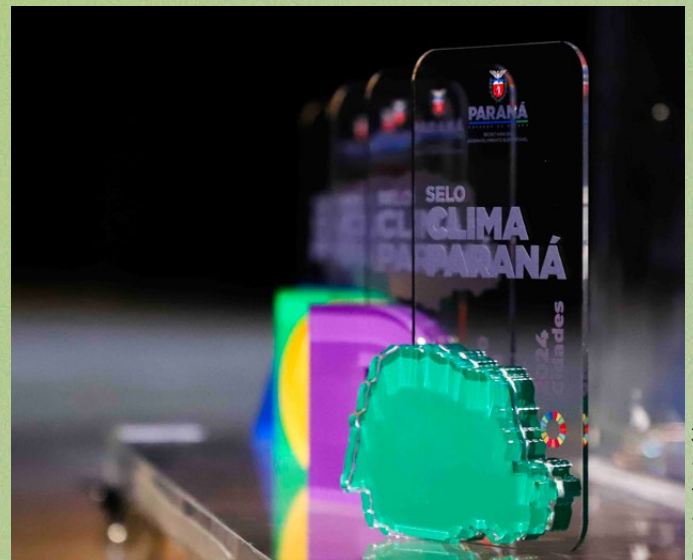


Foto: Arquivo Agrária

**Em 2024, a Agrária recebeu o selo “Clima Paraná A” por suas ações de redução das emissões de gases de efeito estufa.**

Hoje, a frota da Agrária tem 89 automóveis, distribuídos entre as unidades Vitória, Guarapuava e Pinhão. Para que os colaboradores que têm acesso aos veículos lembrem-se de optar pelo abastecimento com etanol, todos os carros da frota foram envelopados com adesivos, indicando o combustível que deve ser utilizado. “É claro que a emissão de gases de um veículo é muito menor que de atividades industriais. Mas são essas pequenas atitudes que ajudam a transformar a realidade. Além disso, é uma ação que serve para conscientizar nossos colaboradores a replicarem essa postura em suas casas”, afirma Marina Stoetzer Echeverria, coordenadora de Serviços Corporativos da Agrária.

**Graças ao projeto de abastecimento com etanol, os 89 veículos da frota da Agrária agora emitem menos dióxido de carbono**



Foto: Tayná Pruelci

# Goulash de batata

Mariana Papi

O famoso e tradicional Goulash, preparado com batatas em vez de carne, o “Kartoffelgulasch”, é mais uma daquelas receitas saborosas que remontam à história de muitas famílias suábias. Uma delas é a de Rozina Zentner, que aprendeu a preparar o prato com sua mãe. A receita, que passou de geração em geração, chegou a Entre Rios na mala da avó de Rozina, a pioneira Anna Hummel.

Sobre a escolha do prato para esta edição, Rozina admite que, após viver 45 anos fora de Entre Rios, as receitas de sua infância passaram a ter um significado ainda mais especial. “Com o meu retorno, há sete anos, as lembranças se intensificaram e comecei a perguntar à minha mãe sobre receitas que remetiam àquela época”, comenta.

Fácil, barato e rápido de fazer, o “Kartoffelgulasch” é ideal para o dia a dia, servindo tanto para almoços quanto para jantares, sendo perfeito para alimentar famílias numerosas. Hoje, a lembrança do prato que

frequentemente servia às nove pessoas de sua casa tem um sabor afetivo, e Rozina admite que continua gostando muito.

Nesta receita simples, ela ainda compartilha um truque: diluir a farinha em uma caixinha de creme de leite, em vez da água do cozimento. “Assim, dá um toque especial”, afirma.

**Rozina Zentner prepara o Kartoffelgulasch, que lhe traz muitas boas lembranças.**

Fotos: Arquivo Pessoal

## Ingredientes:

- 1 kg de batatas
- 250 g de panceta
- 3 cebolas médias picadas
- 2 a 3 colheres (sopa) de banha ou óleo
- 1 colher (chá) de pimenta do reino
- 1 colher (chá) de manjeriço
- 1 colher (chá) de cominho
- Sal a gosto
- ½ colher (sopa) de páprica doce
- 1 tomate médio batido no liquidificador
- 2 dentes de alho
- 1 colher (sopa) de farinha de trigo



## Modo de preparo:


Cortar a carne em cubos pequenos, fritar na banha até dourar levemente e reservar.

Na mesma panela fritar a cebola, devolver a carne, acrescentar a páprica, alho, tomate, batata e temperos, mexendo sempre para não queimar.

Adicionar 1 litro de água e deixar cozinhar em fogo baixo até que todos os ingredientes estejam macios.

Diluir a farinha em ½ copo de caldo do cozido ou, se preferir, em uma caixinha de creme de leite. Adicione à panela.

Deixar cozinhar por mais 2 minutos, aproximadamente.

 Servir quente, acompanhado de pão.



## FAPA e Agrária dão exemplo de sustentabilidade

Durante o Dia de Campo de Verão 2025, a Agrária e a FAPA (Fundação Agrária de Pesquisa Agropecuária) apresentaram os mais recentes resultados de pesquisa sobre milho, soja, feijão e hortaliças. Realizado nos dias 5 e 6 de fevereiro, o evento contou com palestras sobre tecnologias transgênicas e manejo de soja; uso de fungicidas no controle de doenças; impactos no manejo de soja; escolha de híbridos e manejo de pragas no milho; manejo de pragas na batata; e genótipos de tomate. Segundo Adam Stemmer, presidente da Agrária, as pesquisas conduzidas pela FAPA representam a preocupação com uma agricultura sustentável com foco no futuro. Representantes dos setores político e econômico também destacaram a relevância do evento. A diversidade de temas abordados e o envolvimento de inúmeros parceiros consolidam o Dia de Campo como uma importante plataforma para a troca de conhecimento técnico e científico.



Foto: Agrária

## Acreditação para o Laboratório Central da Agrária

O Laboratório de Cromatografia da Cooperativa Agrária recebeu, no início de fevereiro, a acreditação conforme a norma ABNT NBR ISO/IEC 17025:2017, concedida pelo Inmetro. O reconhecimento reforça a competência técnica do setor. Com isso, testes que antes dependiam de laboratórios externos passam a ser realizados internamente, reduzindo custos e acelerando os processos de liberação dos produtos. A conquista está alinhada à diretriz de Cultura da Eficiência da Cooperativa e é resultado do esforço coletivo da equipe técnica. A nova acreditação complementa outras já obtidas pela unidade, como a ISO/IEC 17043:2011 – a única da América Latina voltada ao Programa de Ensaio de Proficiência em farinha de trigo. O reconhecimento fortalece a confiabilidade das análises realizadas pela Agrária e consolida sua posição como referência no setor agroindustrial.



Foto: Agrária

## 50 anos de CTA no Colégio Imperatriz

O Colégio Imperatriz Dona Leopoldina celebrou os 50 anos de seu renomado Curso Técnico em Agropecuária (CTA). Ex-alunos, professores e convidados se reuniram no dia 22 de fevereiro para relemburar essa trajetória de sucesso. Entre os presentes estavam os atuais superintendentes da Agrária, André Spitzner e Jeferson Caus, que iniciaram suas carreiras no curso. Desde 1974, cerca de mil profissionais já foram formados. As aulas práticas, com equipamentos modernos, campos experimentais e excursões, preparam os alunos de forma ideal para o setor agrícola. Em 2019, uma reforma curricular introduziu um modelo flexível e híbrido. A partir de 2025, temas como agricultura de precisão e gestão ambiental passaram a integrar o currículo.



Foto: Colégio Imperatriz

## Reconhecimento às mulheres pela Agrária



Foto: Agrária

Com dois eventos especiais realizados em março, a Cooperativa Agrária homenageou o engajamento e a crescente participação das mulheres na instituição. No dia 7 de março, o Comitê Feminino lançou, no Centro de Eventos, o novo programa “Sinergia Mulher”, que tem como objetivo incentivar mais de 200 cooperadas, esposas e filhas de cooperados a se envolverem ativamente em eventos técnicos e sociais. As dez participantes mais engajadas serão premiadas até 2026. Três semanas depois, em 28 de março, o 4º Encontro das Mulheres reuniu 365 colaboradoras no mesmo local. O ponto alto foram os relatos de vida inspiradores, como os da cooperada Ana Meri Naiverth e das irmãs e administradoras Inês e Neusa Previatti. A historiadora Francielle Uchak, do Museu Histórico de Entre Rios, apresentou um panorama sobre o papel da mulher na história local. O evento teve ainda um toque especial com a degustação da cerveja “Berliner Weisse”, produzida especialmente por 30 colaboradoras sorteadas da cooperativa. O dia encerrou-se em clima festivo, com um animado happy hour.

## Professores encantam no 1º Concerto Ecos

O 1º Concerto Ecos, promovido pelo corpo docente de música da Fundação Cultural Suábio-Brasileira, encantou cerca de 250 convidados com um programa diversificado e de alto nível. Ao longo de 16 performances, doze professores apresentaram obras da tradição germânica e clássica, ritmos brasileiros e sucessos do rock internacional. O repertório, tecnicamente impressionante e emocionalmente envolvente, percorreu compositores como Pixinguinha, Dream Theater e Led Zeppelin. O ponto alto da noite foi o encerramento coletivo com a emblemática “Stairway to Heaven”. Solos e apresentações em grupo demonstraram a versatilidade e a excelência artística do corpo docente. O evento terminou sob aplausos entusiasmados do público.



Foto: Fundação Cultural

## Concerto da Orquestra de Sopros com jantar típico



Foto: Fundação Cultural

Cerca de 350 espectadores vivenciaram, no dia 22 de março, uma envolvente noite de concerto no Centro Cultural Mathias Leh. A Orquestra de Sopros encantou o público com um programa diversificado, de aproximadamente duas horas, marcado por variedade musical e expressividade por meio da dança. A participação da Orquestra de Cordas e da Cia de Dança DançArte conferiu ao evento uma dinâmica especial, evidenciando de forma inspiradora a força da comunidade e o poder unificador da música, da dança e da tradição. No aspecto gastronômico, o evento também foi um sucesso: mais de 400 porções de goulash, preparadas pelos Grupos de Dança e pelo grupo Amizade, contribuíram para uma atmosfera acolhedora e agradável ao longo da noite.

## Agrária apresenta balanço de 2024 e planos para 2025

No dia 8 de março, a Cooperativa Agrária apresentou os resultados financeiros de 2024 durante sua 74ª Assembleia Geral Ordinária. Com um faturamento de R\$ 7,5 bilhões, a cooperativa atingiu suas metas anuais, mesmo diante de diversos desafios. Os números, auditados pela KPMG, reforçam o compromisso com a transparência e a gestão responsável. Durante a assembleia, também foram apresentados novos projetos e estratégias para 2025. Um dos destaques do encontro foi a eleição do novo Conselho Fiscal, realizada pela primeira vez sob o novo estatuto da cooperativa. Três chapas concorreram, e foram eleitos: Ana Meri Naiverth, Bernd Tobias Oster e Igor Josef Klein da Cunha, além de Anderson Rovani, Corina Wild e Thiago Abt como suplentes. A expressiva participação de jovens cooperados foi especialmente celebrada.



Foto: BM

## 2º Tour Histórico por Entre Rios

Com grande interesse e espírito de descoberta, 43 participantes embarcaram em uma viagem especial pelo passado e pelo presente: o 2º Tour Histórico por Entre Rios, promovido pelo Museu Histórico de Entre Rios e realizado em 15 de março, proporcionou valiosos insights sobre a história da comunidade suábica e suas raízes culturais. Em diversos pontos marcantes, o grupo fez paradas nas quais o historiador Roberto Essert, do Museu, abriu janelas para a singular trajetória dos Suábios do Danúbio. Por meio de relatos pessoais, cenários impactantes e memórias vívidas, vieram à tona a força, o espírito pioneiro e os valores culturais dos primeiros imigrantes. A caminhada transformou-se em uma verdadeira aula de história a céu aberto. Prédios, caminhos e pequenos detalhes revelaram narrativas cuja relevância ultrapassa os limites de Entre Rios.



Foto: Fundação Cultural

## Encontro da Diáspora Croata em São Paulo



Foto: Arquivo Pessoal

De 20 a 23 de março de 2025, Adam Stemmer, presidente da Agrária, Viviane Schüssler, gerente social da Agrária, e o empresário de origem croata Vladimir Sesar participaram do 8º Encontro da Diáspora Croata da América do Sul, realizado em São Paulo. O objetivo do evento foi promover o intercâmbio entre a Croácia e a América do Sul nos âmbitos cultural, econômico e social. Nesse contexto, Adam Stemmer proferiu uma palestra sobre a Cooperativa Agrária, enquanto Viviane Schüssler e Vladimir Sesar apresentaram, em detalhes, a história da comunidade suábica e sua estreita ligação com as localidades de origem croata. “Como representantes da comunidade de Entre Rios, pudemos estabelecer contatos valiosos e discutir, junto a outros participantes, formas de fortalecer os vínculos com a nossa cultura de origem”, destacou Viviane Schüssler.

## 15º Encontro dos Pioneiros celebra união e tradição

Com clima festivo e a presença de cerca de 150 pessoas, o 15º Encontro dos Pioneiros foi realizado no dia 6 de abril, no Clube da Samambaia. A comunidade suábica se reuniu para relembrar suas origens e celebrar os laços entre as gerações, com uma programação repleta de música, dança, teatro, café e bolo. O evento teve como destaques as apresentações dos Grupos de Danças Folclóricas Juvenil, Adulto e Sênior, que encantaram o público. Um momento de leveza e bom humor foi garantido por um esquete cômico sobre o cotidiano suábico, encenado por colaboradores da Fundação Cultural e pelos diretores da Agrária, Manfred Majowski e Cristian Abt. A animação musical ficou por conta do grupo Braububen, que trouxe alegria e ritmo ao ambiente, animando os presentes. O encontro foi uma excelente oportunidade para reencontros, troca de experiências e valorização das tradições suábicas, em prol da continuidade cultural.



Foto: Fundação Cultural

## Encontro de Cordas encanta o público

Durante o Encontro de Cordas, realizado no Centro Cultural Mathias Leh, os alunos da Fundação apresentaram, no dia 4 de abril, todo o seu talento musical. O evento reuniu um público de 196 pessoas, entre pais, amigos e apreciadores da música, que acompanharam com atenção as apresentações dos jovens talentos no violino, violoncelo e outros instrumentos de cordas. O programa, variado e envolvente, percorreu desde obras clássicas até arranjos contemporâneos, sendo calorosamente aplaudido pelo público ao final de cada performance.



Foto: Fundação Cultural

## Contribuição cultural para clientes da Farinha Agrária

No dia 26 de março, a Fundação Cultural convidou os participantes do Workshop de Panetones, promovido pela unidade de negócios Agrária Farinhas, para um momento descontraído, marcado por reflexões sobre história e cultura. Roberto Essert, do Museu Histórico de Entre Rios, apresentou o trabalho desenvolvido pela Fundação Cultural. Em seguida, as autoras Roseli B. Essert e Lore Schneiders apresentaram o seu livro A História de Entre Rios. Acompanhadas pelos sons harmoniosos do Quarteto de Cordas da Fundação, elas autografaram exemplares da obra e conversaram com os convidados.



Foto: Agrária

## Notas de Falecimento

- ❖ No dia 10 de fevereiro de 2025, faleceu Raimund Himmelsbach, aos 85 anos. Nascido em 18 de agosto de 1939, em Putinci, na antiga Iugoslávia, chegou a Entre Rios no 5º transporte. Deixa os filhos Siegbert, Estefano e Siegfried, as noras, netos e bisnetos.
- ❖ Wendelin Hering nasceu em 10 de março de 1933, em Plavna, na antiga Iugoslávia, e chegou a Entre Rios no 3º transporte. Faleceu no dia 16 de fevereiro de 2025, aos 91 anos. Deixa sua esposa Anna, os filhos Wendelin, Gerty e Anton, os netos Jonathan, Sibille e Mirelle, além de quatro bisnetos.
- ❖ No dia 24 de março de 2025, faleceu Adam Egles Junior, aos 55 anos. Ele nasceu em 26 de dezembro de 1969, em Entre Rios. Sentem sua partida a mãe Anna, os irmãos Erich, Renate e Annemarie, bem como os sobrinhos Patrick, Heiko, Anna Paulina e Celina.





# Matbaumfest



**1º DE MAIO**

A partir das 10h



**CENTRO DE EVENTOS**

Agrária